

## **PEDAGOGIAS ANARQUISTAS E A PEDAGOGIA MARXISTA SOCIALISTA SOVIÉTICA: UM OLHAR COMPARATIVO<sup>1</sup>**

### *ANARCHIST AND THE SOCIALIST MARXIST SOVIET PEDAGOGY: A COMPARATIVE LOOK*

**Eduardo da Silva Soares<sup>2</sup> e Leonardo Guedes Henn<sup>3</sup>**

#### **RESUMO**

Por meio de uma análise qualitativa das referências bibliográficas e das fontes primárias, no presente trabalho, abordam-se as pedagogias anarquistas e a pedagogia marxista socialista soviética, do início do século XX. No primeiro momento, serão apresentados alguns teóricos e experimentos anarquistas na Europa e no Brasil. Posteriormente, discorre-se sobre as concepções socialistas e os projetos instituídos na URSS. Concluindo com a abertura de um diálogo sobre a educação brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** movimento operário, educação libertária, educação na URSS, educação na República Velha.

#### **ABSTRACT**

*Through a qualitative analysis of bibliographic references and primary sources, the anarchist and socialist Marxist soviet pedagogy of the beginning of the XX Century are approached. At first, it is introduced some anarchist theoreticians and experiments in Europe and Brazil. Later, some socialist ideas and projects established in the Soviet Union are discussed. The article also establishes a dialogue on contemporary Brazilian education.*

**Keywords:** *proletarian movement, freeing education, education in the Soviet Union, education in Brazil.*

#### **INTRODUÇÃO**

Neste artigo, serão apresentadas as concepções teóricas e alguns experimentos práticos de escolas que os socialistas marxistas soviéticos e os anarquistas implementaram no início do século XX. O recorte geográfico abrange a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) e o Brasil, respeitando as diferenças de trajetórias históricas entre as duas nações e suas especificidades.

Primeiramente, se analisar-se-ão as referências teóricas da educação anarquista e os experimentos no Brasil de escolas libertárias. No caso, foram selecionadas algumas escolas de São Paulo - Escola Moderna nº 1 e Escola Moderna nº 2 -, e uma do Rio Grande do Sul - Elyseu Réclus<sup>4</sup>.

Em um segundo momento, abordar-se-á a questão da educação escolar soviética. Para

---

<sup>1</sup> Trabalho de Iniciação Científica - UNIFRA.

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História - UNIFRA. E-mail: eduardosoares@rocketmail.com.

<sup>3</sup> Orientador - UNIFRA. E-mail: lghenn@gmail.com

<sup>4</sup> Foram encontradas grafias distintas nas fontes utilizadas. Elisée Réclus em ROBELO e Elyseu Réclus no jornal de Porto Alegre *A Democracia*. Optou-se aqui pela forma aporuguesada Elyseu Réclus.

compreender o Estado socialista como agente (investidor) da formação do *Novo Homem*, analisamos a Colônia Gorki e a Comuna Dzerjinski, destacando a marcante influência das teses leninistas e analisando os escritos de Anton Makarenko, responsável principal pelas referidas instituições de ensino.

Em relação à educação libertária, utilizam-se, como principais referências, Silvio Gallo e Ferrer y Guardia. O primeiro analisa os princípios da pedagogia libertária, abordando a sua origem, seus principais cânones e representantes no Brasil e no mundo ao longo da História. Gallo (2007, p. 41) defende a ideia de que a educação anarquista não deve tomar como ponto de partida a liberdade, pois esta deve ser o ponto de chegada, após a obtenção do conhecimento científico sobre as leis naturais e sobre os mecanismos e estruturas da sociedade. Ou seja, não se trata de uma pedagogia não diretiva. Já Ferrer y Guardia, educador espanhol fuzilado em 1909, advogava a necessidade da escola laica, científica e unitária. Ele influenciou modelarmente os projetos e práticas de educação libertária do início do século XX. Suas principais ideias foram publicadas postumamente com o título de *La Escuela Moderna*, obra na qual ele apresenta suas propostas pedagógicas e relata as experiências da escola de mesmo nome fundada por ele na Espanha (2002).

Acerca da pedagogia soviética, foram utilizadas obras do educador soviético Pistrak (2000), um dos responsáveis pela implantação da educação escolar nos primeiros anos de revolução na Rússia e, depois, na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em uma dessas obras, de cunho teórico, ele defende a tese que a escola deva ser vinculada ao trabalho produtivo, retomando uma ideia de Karl Marx. Na outra, escrita em conjunto com outros educadores soviéticos, igualmente responsáveis pela educação escolar na URSS, é exposta a trajetória da escola soviética, enfatizando-se os principais problemas encontrados (PISTRAK, 2009).

Para se abordar as reflexões e depoimentos de Anton Makarenko, fundamental expoente da educação soviética, incumbido pelo Estado revolucionário da educação de órfãos e adolescentes desgarrados que vagavam pela nação, foram utilizadas obras de dois autores, René Capriles (1989) e Cecília Luedemann (2002). Eles abordam sua trajetória e suas ideias, especialmente os princípios da educação do coletivo, proposta fundamental colocada em prática por ele.

Sobre a influência anarquista no Brasil, duas dissertações foram imprescindíveis, a de Robledo da Silva (2010) e a da Ana Paula Martins (2010). Silva estuda a influência de Elyseu Réclus nas escolas e nas reflexões teóricas que os libertários mantiveram nas suas escolas, em São Paulo e em Porto Alegre. Já Martins, sistematiza as experiências anarquistas, relacionando-as às ações repressivas do Estado. Disserta sobre os recursos utilizados para manterem as escolas em funcionamento, enquanto o Estado investigava e apreendia materiais. Destaca a personalidade de João Penteado, que, na década de 1920, fundou uma escola de datilografia, utilizando-se do ensino técnico para perpetuar os ensinamentos libertários.

Considera-se que o tema do presente artigo possui relevância devido às expressivas contribuições do marxismo comunista e do anarquismo para os estudos das sociedades humanas, bem como pelo papel que representaram, e representam, como influência no pensamento pedagógico

a partir de finais do século XIX até a atualidade, não apenas sobre as próprias correntes marxista e anarquista, mas para o pensamento pedagógico contemporâneo de forma generalizada.

## TEÓRICOS ANARQUISTAS E A EDUCAÇÃO: ALGUNS DOS PRINCIPAIS BALUARTE

O princípio gerador anarquista é formado por quatro princípios básicos de teoria e de ação: autonomia individual, autogestão social, internacionalismo e ação direta (GALLO, 2007, p. 20).

Tratava-se de um Brasil repleto de contradições, incentivando os imigrantes europeus a “fazerem” a América de um lado, e de outro com a repressão forte do Estado, combatendo virulentamente as ideias socialistas e libertárias. Neste cenário, as escolas libertárias brasileiras foram criadas, através de contatos por telegramas com militantes de vários países e contando com os princípios norteadores de experimentos práticos na Europa.

Em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, veiculava-se a propaganda das escolas e da filosofia anarquista através dos jornais de orientação libertária ou que simpatizavam com a causa. Ao lerem-se as páginas de tais periódicos, tem-se uma amostragem das tendências teóricas e metodológicas utilizadas pelos libertários do território brasileiro. Sendo assim, percebe-se a influência de Paul Robin<sup>5</sup> (1837-1912) e Sébastien Faure<sup>6</sup> (1858 - 1942) como expoentes na educação anarquista, porém foi Ferrer y Guardia (1859 - 1909) o seu maior influenciador no Brasil.

Para fins didáticos, trabalhou-se neste artigo com três escolas, duas em São Paulo, a Escola Moderna nº1 e a nº 2 e no Rio Grande do Sul a Escola Elyseu Réclus.

Em relação a quem foi Elyseu Réclus, é interessante destacar uma nota veiculada no jornal *A Democracia*<sup>7</sup>. O recorte faz menção à morte de Réclus, destacando o geógrafo como uma celebridade.

Réclus dispunha de tão elevada estima entre o operariado sul-rio-grandense que, em 1906, foi criada uma escola que com o seu nome. Tal instituição de ensino estava sediada no Sindicato dos Marmoristas, “significando um importante centro de trabalho de formação política, atendendo não somente a categoria dos marmoristas, como também de outros trabalhadores tornou-se referência de militância anarquista” (SILVA, 2010, p. 98).

---

<sup>5</sup> Teve expressiva importância para os libertários, devido a sua experiência no Orfanato Prevost em Cempuis, na França, entre os anos de 1880 e 1894. Sua trajetória é ligada, principalmente, ao ensino integral (GALLO, 2007, p. 182).

<sup>6</sup> Faure dirigiu, entre os anos de 1904 e 1917, *La Rouche*, A Colméia, na França, onde tanto a autonomia intelectual quanto a social eram desenvolvidas através de atividades como carpintaria, forja e encadernação (MARTINS, 2010, p. 31).

<sup>7</sup> Jornal Operário socialista de Porto Alegre, do qual era editor F. Xavier da Costa.

# Elyseu Réclus

Falleceu a 5 do corrente, em Brúxelas, em cuja universidade era leute de geographia comparada, o celebre geographo Elyseu Réclus, um dos vultos mais salientes da propaganda socialista.

Não ha leitor de obras referentes á magna questão social que ignore o alto valor do grande socialista.

Sincero e ardoroso, levou sua sinceridade ao ponto de pôr em pratica, sempre que lhe foi possível, princípios da doutrina a que servia com devotamento inexcedível.

Em Elyseu Réclus perdem agora a scienza e Humanidade um dos maiores apóstolos

A Escola Elyseu Reclus, cujo nome faz homenagem a um eminente cientista e teórico anarquista francês, funcionava à noite na Rua General Câmara, 24, esquina com a Rua dos Andradas. Possuía uma “Sala de Leitura”, com livros e jornais em português, francês, alemão, espanhol, inglês e esperanto, sendo que esta última língua era considerada por eles como “um dos poderosos fatores que concorrerão para apressar a internacionalização dos povos” (MARÇAL, 1985, p. 65 apud SILVA, 2010, p. 105).

No início do século XX, o Brasil sofria com inúmeros problemas na área educacional. Rejeitando a Escola ligada ao Estado burguês, os anarquistas preferiam criar suas próprias escolas, as quais deveriam lecionar diversos idiomas, como o espanhol, italiano, francês servindo para facilitar a propaganda e a difusão/divulgação dos materiais em nível internacional (RECLUS, 1908 apud SILVA, 2010, p. 99). Como estava assegurada a comunicação intercontinental entre os militantes, ressaltando-se as características de como transcorria o seu ritmo no contexto histórico da época, os libertários do Brasil puderam acompanhar informações da Escuela Moderna de Barcelona até a morte de Ferrer y Guardia.

O Brasil acompanhou o desenvolvimento da experiência da Escola Moderna de Barcelona, como podemos conferir nos registros da imprensa operária e anarquista, divulgando notícias e, às vezes, recebendo materiais da Espanha. Com a repercussão mundial da prisão e execução de Ferrer, em 1909, aumentaram os comitês de defesa e propaganda da Escola Moderna, no Brasil (SILVA, 2010, p. 108).

Logo após a morte do educador catalão, a Liga Internacional para a Instrução Racional da Infância<sup>8</sup> estabeleceu as bases para a educação libertária. Por causa dos limites deste artigo, optou-se por enunciar apenas alguns dos preceitos pautados: ensino laico; a instrução com caráter de preparação de um ser moral e psicologicamente bem equilibrado, elevando ao máximo o seu potencial; a educação moral baseada principalmente no exemplo solidário. O curioso é que Ferrer y Guardia, morto em 1909, estava nomeado como presidente deste Comitê. Tais propostas levantadas foram ratificadas em 1913, mas muitas de suas premissas já eram praticadas nas instituições de ensino libertário.

A Escola Moderna nº 1 tinha aulas diurnas e noturnas, baseadas na educação moral do racionalismo científico. O seu currículo distribuía-se em: Curso Primário com Português, Aritmética, Caligrafia e Desenho; Curso Médio com Gramática, Aritmética, Geografia, Princípios Econômicos, Caligrafia e Desenho; Curso Adiantado com Gramática, Aritmética, Geografia, Noções de ciências Físicas e Naturais, História, Geometria, Caligrafia, Desenho e Datilografia. Havia mensalidades para manutenção e subsistência da Escola, estes valores eram de: Curso primário ou médio, 4\$000 e o Curso adiantado de 5\$000 (SILVA, 2010).

A Escola Moderna nº1 veio acompanhada da nº2. Na sua fundação e desenvolvimento teve destaque um reconhecido intelectual anarquista, João Penteadado, que, através de uma sessão escolar em jornal, abordava temas como *A Paz Universal* aos alunos, familiares e a todas as pessoas que se interessavam pela Escola Moderna (A Lanterna, 29-08-1914, p. 02 apud SILVA, 2010, p. 114).

---

<sup>8</sup> Esta Liga foi fundada a partir dos preceitos de Ferrer y Guardia. Primava pelo ensino racionalista, laico, integral e misto, princípios defendidos pelo educador espanhol (FERRER Y GUARDIA, 2002).

Estas escolas mantinham o ensino misto, e quando eram noticiadas informações ou chamadas tal característica era enunciada:

Escola Moderna n. 2

Rua Maria Joaquina n. 13 (Braz)

Reabriu-se esta escola, a cargo do companheiro Adelino de Pinho, achando-se abertas as matrículas para alunos de ambos os sexos de 6 a 12 anos.

Horário: das 11 às 4 da tarde, para menores, e das 7 às 9 da noite para adultos (A Plebe, 19-04-1919, p 04 apud SILVA, 2010 p, 114).

Nos experimentos de escolas libertárias estudadas, nota-se a expressiva importância que os anarquistas davam à educação escolar, que não fosse dirigida pelas forças do capitalismo, como elemento fundamental para a mudança social. É importante salientar o quanto “A ignorância impede sobretudo o povo de tomar consciência da solidariedade universal que é a sua imensa força numérica; ela impede-o de unir-se, de organizar a revolta contra o roubo e a opressão organizadas contra o Estado” (BAKUNIN, 2009, p. 44 apud MARTINS, 2010, p. 27). Era defendido por Bakunin e aceito pelos anarquistas em geral, o princípio de que a educação era concebida como uma forma de promover uma cultura de resistência e de modificação social. Se a “cultura” e a “educação” fossem trabalhadas conscientemente, poderiam atuar diretamente nas transformações do sistema vigente. E, então, ao formar consciências livres, cientes de suas responsabilidades histórico-sociais, estes sujeitos veriam a si como agentes de sua própria liberdade (OLIVEIRA, 2009). Diferentemente dos marxistas, refugavam a concepção da existência de qualquer tipo de Estado, mesmo o transitório Estado Socialista Proletário. Por isso, não admitiam a possibilidade da escola ligada ao Estado poder ser verdadeiramente libertária. Além disso, obviamente não coadunavam com escolas confessionais de capital privado, mantidas por burgueses.

## **TEÓRICOS MARXISTAS SOVIÉTICOS E A EDUCAÇÃO**

Com o advento dos bolcheviques no poder da Rússia, em 1917, os socialistas do mundo ganham uma força norteadora de expressão. A URSS experimentou as teorias marxistas e desenvolveu modelos que seriam seguidos por militantes do mundo inteiro. Os soviéticos construíram experiência extremamente expressiva de superioridade em relação aos anarquistas, pois experimentaram na prática concreta as proposições teóricas socialistas marxistas, o que os anarquistas não conseguiram, pelo menos por um longo ou médio período de tempo em regiões geográficas que não fossem circunscritas a pequenas colônias isoladas dos centros urbanos.

Para a educação soviética, o 26 de outubro de 1917 marca uma célebre data, pois foi criado o Commissariado Nacional da Educação (NarKomPros), que detinha como tarefa reconstruir o sistema educacional russo (PISTRAK, 2009, Escola-Comuna, p. 11). Após a Revolução ter sido bem-sucedida, no

sentido da tomada do poder, houve a criação de uma Escola Única, sendo publicada em 30 de setembro de 1918, pelo Comitê do Partido Comunista a Deliberação sobre a escola única do trabalho e em 16 de outubro de 1918 foi divulgado o documento de Princípios fundamentais desta Escola (PISTRAK, 2009, p. 12).

Diante de vários pontos basilares da educação escolar soviética, salientam-se alguns de extrema relevância, como a autodireção, o autosserviço e a organização de uma “forma inteligente de trabalho” (PISTRAK, 2000). A concepção da emancipação do *Ser Humano* através do trabalho, integrando o trabalho físico e ao intelectual, com base na participação da criança na comunidade e em sua inserção no processo de trabalho produtivo, era um dos elementos mais importantes para os educadores soviéticos (PISTRAK, 2009, p. 14). Para tanto, o papel do professor era considerado fundamental.

Pistrak, um dos principais responsáveis pelas diretrizes da educação escolar soviética no período pós-revolução até a década de 1930, defendia que:

O objetivo fundamental da reeducação ou, simplesmente, da educação do professor não é absolutamente fornecer-lhe um conjunto de indicações práticas, mas armá-lo de modo que ele próprio seja capaz de criar um bom método, baseando-se numa teoria sólida de pedagogia social; o objetivo é empurrá-lo no caminho desta criação (PISTRAK, 2000, p. 25).

O processo de reeducação por parte do professor seria imprescindível para formá-lo, como a toda sociedade, nas concepções socialistas, baseadas no marxismo histórico. Os professores conhecedores da práxis socialista seriam encarregados da construção do conhecimento coletivo, contribuindo assim com a tarefa de emancipar a nova sociedade revolucionária. Defendia-se haver a necessidade de educar um militante social ativo, estando o professor apto a formar do 1º grau quanto do 2º grau, abrangendo inclusive todos os especialistas: matemático, físico, químico ou naturalista. Declaravam-se todos os educadores como formadores do processo revolucionário e da modelação da nova escola (PISTRAK, 2000).

Pistrak afirmava: “em toda a linha da educação, parece-nos impossível conservar a antiga concepção de uma apolítica; parece-nos impossível colocar o trabalho cultural fora da política” (PISTRAK, 2000, p. 23). Nesse pensamento, não havia abertura para um discurso pregando uma Escola neutra. Para o educador soviético, a concretização do Estado socialista, se daria somente com professores engajados, pois seriam eles os agentes revolucionários internos na escola.

Além de uma pedagogia social, a questão da auto-organização mostrava-se de extrema importância para Pistrak:

A questão da realidade atual está intimamente ligada à da auto-organização das crianças (ou autodireção); a concepção de auto-organização em si mesma não tem nada de novo, mas, em relação a isto, como em relação à questão anterior, o problema dos objetivos desempenha um papel primordial (PISTRAK, 2000, p. 40).

Conscientes de suas responsabilidades na sociedade, os estudantes deveriam organizar-se e modificar as suas realidades. A autonomia dos educandos articulava-se ao crescimento do coletivo.

Em vez de uma autonomia do “faça o que queres”, priorizavam-se, através da conscientização, as liberdades individuais que fossem delimitadas pelo coletivo, isto é, “se é bom para todos, é bom para o sujeito”. Ser autônomo correspondia a poder lidar contra as ameaças exteriores. Seria construir os próprios conhecimentos e ligados ao trabalho produtivo, transformando assim o meio social.

A Escola única na URSS foi fundamentada sobre a tese leninista que visava implantar uma instrução geral, politécnica gratuita e obrigatória para todos soviéticos até os 16 anos; unir o ensino ao trabalho sócio-produtivo; alimentação, roupas e material de ensino gratuito; intensificar a ação política e a conscientização social entre os docentes e quando necessário, os formar; conscientizar a população sobre a importância de sua participação nos Conselhos de Instrução Pública; uma colaboração na formação individual da população e a autoeducação, através de bibliotecas, escolas, universidades, cinemas, etc.; fazer propaganda socialista (CAPRILES, 1989).

Diante da tese leninista, podem-se identificar os elementos nela contidos com os praticados por Anton Makarenko, mesmo que “a grande maioria dos educadores soviéticos acusou Makarenko de promover uma escola espartanista e criticou seus métodos severos e auto-gestionários” (CAPRILES, 1989).

Makarenko trabalhou diretamente com órfãos marginalizados, mais precisamente com uma colônia pedagógica experimental para luta contra a delinquência, desenvolvendo uma lógica de pensamento que destacou as suas concepções para o desenvolvimento da educação socialista:

1 - Elaboração de um método científico de investigação pedagógica. Segundo os métodos atuais, a criança é o objetivo principal da investigação pedagógica. Acredito que este não é um princípio correto. A ciência pedagógica deve considerar de fato o fenômeno pedagógico, como o objetivo final dessa investigação; 2 - Aprofundar a atenção em relação à coletividade infantil como um todo orgânico. Para isto é necessário reestruturar toda a psicologia do trabalhador escolar; 3 - Renunciar completamente à ideia de que para existir uma boa escola é necessário, antes de tudo, bons métodos para aplicar nas aulas. O que se necessita para obter uma boa escola é um sistema cientificamente organizado, compreendendo todas as suas influências; 4 - A psicologia não deve ser o fundamento da pedagogia e sim a continuação dela, e assim deve ser entendido o processo da realização de lei pedagógica; 5 - A escola russa de trabalho tem que ser reestruturada completamente já que, na sua essência, é uma visão burguesa. A base fundamental da escola russa não deve partir da teoria “ocupação-trabalho”, senão da sua antítese dialética: “trabalho-preocupação”. Somente a organização da escola como uma função econômica a tornará socialista (CAPRILES, 2002, p. 91-92).

Assim, Makarenko na Colônia Gorki (1920-1928) e na Comuna Dzerjinski (1927-1935) estruturou a sociabilidade, em que todos seguiam as leis do inter-relacionamento celular e dividida em destacamentos semelhantes aos dos pioneiros. Em cada unidade havia um líder, ou chefe, que era eleito por um conselho formado pelos educandos, salientamos que cada destacamento comportava de 10 a 12 estudantes. Mesmo que haja muitas semelhanças a um aquartelamento, o sujeito estava submisso aos conselhos e às diretrizes coletivizantes impostas a eles (CAPRILES, 1989).

Tal educação deveria propagar os princípios da solidariedade e das responsabilidades mútuas. Gerada a liderança, esta deveria ser revezada entre todos. Destacavam-se ainda os elementos da formação integral,

pois os estudantes aprenderiam através do trabalho produtivo, com atividades na horta e nos processos de produção de alimentos, relacionando-os aos princípios teóricos das ciências exatas e sociais. O trabalho unificado ao aprendizado intelectual iria ao encontro das necessidades primárias da sociedade, abrangendo a formação profissional da nova geração, com um tipo de educação que contribuisse para a promoção de um novo tipo de conduta, com caracteres, traços e qualidades da personalidade que eram necessários no Estado soviético. Assim, afirmava-se o trabalho produtivo como uma constância nos processos pedagógicos orientados por Makarenko (CAPRILES, 1989). Ele colocou em prática os preceitos das teses leninistas:

Makarenko procurou realizar um projeto educacional no qual o problema deveria ser refletido junto aos conceitos fundamentais do materialismo histórico de Marx, mas principalmente das contribuições da análise sociológica de Lenin, produzindo no campo da pedagogia, uma educação das diferentes personalidades na direção de uma exigência histórica para a produção de qualidades concretas (LUEDEMANN, 2002, p.18).

Em relação às origens dos alunos nas instituições dirigidas por Makarenko, pode-se destacar que, se na Colônia Gorki a maioria dos estudantes eram constituídos por marginais sociais, na Comuna Dzerjinski eles eram minoria, enquanto a maior parte trabalhava em subempregos e/ou fugitivos de casa. Desta forma, o educador soviético pensou sobre as formas de educação da personalidade coletivista no meio familiar e defendeu a tese que era possível organizar a família como uma coletividade, auxiliada sempre pela coletividade escolar (LUEDEMANN, 2002, p. 222).

Baseado no *Estado e a Revolução* de Lenin e na “pedagogia de comandantes”<sup>9</sup>, Makarenko defendia a ideia de que “o proletariado deveria aprender a comandar a sua própria vida, a produção, o consumo e a vida socialista, de modo geral” (LUEDEMANN, 2002, p. 224).

É interessante observar que as teorizações e práticas promovidas pelos responsáveis pela educação na URSS suscitaram interesse no grande intelectual marxista italiano Antônio Gramsci (1891 - 1937), mantido em cárcere fechado, entre 1926 e 1934, pelo regime fascista de seu país. Mesmo com dificuldades para acompanhar o desenrolar da situação entre os soviéticos, Gramsci desenvolveu uma fundamentação baseada na importância da conquista da hegemonia cultural para a construção da sociedade socialista (MANACORDA, 2008). Para ele, a escola teria papel fundamental nesta tarefa, tanto antes da tomada do poder, através do combate ao consenso social que era pilar da manutenção do capitalismo, tanto quanto após a revolução. Nesta compreensão, a URSS enquanto sociedade socialista só seria exitosa se a educação se encarregasse de formar a nova cultura, que não naturalizasse o domínio de uma classe sobre outra.

---

<sup>9</sup> Esta pedagogia destaca-se por sua organização em destacamentos, e cada possuía o seu comandante. Tanto os destacamentos quanto os líderes eram provisórios, esta formação doutrinaria para a formação do homem novo, capaz de mandar e servir, de integrar-se no trabalho de construção do comunismo, esse sistema exercia uma função social de benéfico aprendizado (BOLEIZ JÚNIOR, 2008, P. 115).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se como ponto de encontro entre as pedagogias anarquista e soviética a exigência do trabalho ligado ao ensino no processo de aprendizagem. É importante destacar aqui que, para os soviéticos, o aluno deveria aprender através da prática do trabalho produtivo, desde o seu planejamento burocrático até a prática, assim o ensino estaria vinculado ao trabalho produtivo. Desse modo, seriam despertados os valores morais do dito *homem completo*. Tal proposta era vista como diametralmente oposta ao ensino escolar em uma sociedade capitalista, na qual a educação da classe operária seria totalmente voltada à formação de mão de obra para os empreendimentos burgueses. Em tal contexto, somente os filhos dos burgueses tinham acesso ao rol de conhecimento geral acumulado pela humanidade. Tanto nas propostas anarquistas como nos textos dos pensadores soviéticos, a escola do trabalho seria para todas as pessoas, sem distinções sociais.

Os anarquistas entendiam que, para a construção de uma nova sociedade, a mudança na forma de pensar era fundamental. Por isso, no Brasil, insistiram em criar escolas de orientação libertária. Repudiavam a defesa da ampliação das escolas pública, manipuladas ideologicamente pelo Estado burguês. De maneira geral, não consideravam a escola como capaz de sozinha derrotar o capitalismo e transformar a sociedade no caminho do comunismo libertário. No entanto, não colocavam todo o peso da mudança social na esfera eminentemente política. De nada adiantaria a tomada do poder e a substituição da classe dominante por outra, mesmo que operária. Sendo assim, as escolas de orientação libertária poderiam contribuir, mesmo antes da queda do poder burguês, para a formação de pessoas desprovidas do sentimento de naturalizar as desigualdades e hierarquias sociais.

Já para os comunistas, após a tomada do poder, a consolidação da mudança se daria em um prazo relativamente longo. O prioritário seria a conquista do poder político. Por isso, dificilmente podem ser encontradas escolas de inspiração marxistas no interior de sociedades burguesas. Após a instauração do controle socialista, a formação do *homem novo* seria fundamental, e para isso o ensino escolar desempenharia um papel relevante, tal como estaria ocorrendo na época na URSS, com a escola centrada no trabalho produtivo. No contexto brasileiro, os comunistas defendiam a ideia de que a tarefa primordial seria a transformação na estrutura econômica. Sendo assim, não houve esforços significativos de sua parte na criação de escolas no país. Propunha-se, como ponto programático, a defesa da ampliação das escolas públicas, ampliando o acesso a todos os filhos de trabalhadores. É importante destacar que tal proposta não era do agrado dos anarquistas, pois consideravam todas as instituições vinculadas ao Estado em uma sociedade burguesa como responsáveis pela manutenção da opressão social.

Por fim, interessa destacar que, apesar do presente trabalho versar sobre época distante no tempo, o seu assunto continua extremamente relevante, tendo em vista que os preceitos das educações críticas da atualidade trabalham com pontos inspirados por discussões historicamente travadas pelas esquerdas políticas mundiais. Vide a proposta de ensino politécnico, apresentada pelo governador

do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, em 2011. Mesmo que seja discutível a caracterização do seu partido, o Partido dos Trabalhadores (PT), categoricamente como marxista na atualidade, parece haver expressiva influência de tal escola no projeto. Trata-se de debate instigante, mas que excede o espaço previsto para este texto.

## REFERÊNCIAS

BOLEIZ JÚNIOR, Flávio. **Pistrak e Makarenko** : pedagogia social e educação do trabalho. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CAPRILES, René. **Makarenko: nascimento da Pedagogia Socialista**. São Paulo: Scipione, 1989.

GALLO, Sílvio. **Pedagogia libertária: anarquistas, anarquismos e educação**. São Paulo: Imaginário (Editora da Universidade Federal do Amazonas), 2007.

FERRER Y GUARDIA, Francisco. **La escuela moderna**. Madri: Tusquets, 2002.

LUEDEMANN, Cecília da Silveira. **Anton Makarenko: vida e obra - a pedagogia na revolução**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci - americanismo e fordismo**. Rio de Janeiro: Alinea, 2008.

MARTINS, Ana Paula. **Educação para o trabalho no contexto libertário**. Dissertação (Mestrado em Educação). 156f. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Juliana Matosinho de. **Embates pela Educação: as iniciativas libertárias de ensino e o Estado na Primeira República em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul**. Trabalho de Conclusão de Curso. 57f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. SILVA, Nauber Gavski da. **A democracia: um jornal operário (Porto Alegre, 1905-1907) [recurso eletrônico]** / São Leopoldo, RS: Oikos, 2007.

PISTRAK, Moisey M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão popular, 2000.

\_\_\_\_\_. (org.). **A Escola-Comuna**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SILVA, Robledo Mendes da. **A influência de Élisée Réclus na educação operária no Brasil: das ciências naturais à educação integral** / Dissertação (Mestrado em Educação). 136f. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.